

## PULL MY DAISY / 1959

um filme de ROBERT FRANK e ALFRED LESLIE

*Realização:* Robert Frank, Alfred Leslie *Argumento:* Jack Kerouac, a partir do terceiro acto da sua peça *Beat Generation* *Música original:* David Amram *Montagem:* Robert Frank, Alfred Leslie, Leon Prochnik *Interpretação:* Allen Ginsberg (Allen), Gregory Corso (Gregory), Larry Rivers (Milo), Peter Orlovsky (Peter), David Amram (David), Richard Bellamy (Bispo), Alice Neel (Mãe do Bispo), Sally Gross (Irmã do Bispo), Pablo Frank (Pablo), Delphine Seyrig (Mulher de Milo), Jack Kerouac (narrador).

*Produção:* Robert Frank, Alfred Leslie *Cópia:* Museum of Fine Arts (Huston), 16 mm, preto e branco, 28 minutos, com legendas electrónicas em português *Título original de trabalho, inscrito no genérico de algumas cópias:* THE BEAT GENERATION *Estreia Mundial:* 11 de Novembro de 1959 *Inédito comercialmente em Portugal Primeira exibição na Cinemateca:* Julho de 1991 ("Robert Frank").

---

*Pull my daisy, tip my cup, all my doors are open / All my thoughts for coconuts, all my prayers awaken /  
Start my garden, gait my shades, now my life is spoken*

do poema *Pull my daisy* (1948)

*A bandeira americana é sagrada? A rapariga é sagrada? A tua irmã é sagrada? O que é sagrado? Sagrado, sagrado! Sagrado, sagrado... O carro é sagrado? E a luz, é sagrada? É sagrada, sagrada?*

do texto de PULL MY DAISY

28 minutos filmados em 16 mm preto e branco granulado no estúdio do pintor Alfred Leslie no Lower East Side de Nova Iorque, entre Janeiro e Abril de 1959: PULL MY DAISY, o primeiro filme de Robert Frank adaptado do terceiro acto de uma peça inacabada para teatro de Jack Kerouac justamente intitulada *The Beat Generation* (e fundada em acontecimentos da vida do próprio escritor, mais concretamente numa reunião em casa de Neal Cassady na Califórnia). *Pull my daisy*, a expressão, vem de um poema homónimo de Kerouac, Allen Ginsberg e Neal Cassady, parcialmente usado como letra de canção cantada por Anita Ellis na abertura do filme – "*Pull my daisy / tip my cup / all my doors are open / Cut my thoughts for coconuts / all my legs are broken / Jack my Arden / gate my shades / woe my road is spoken / Silk my garden / rose my days / now my prayers awaken*".

PULL MY DAISY é então o "Kerouac movie" de Robert Frank e Alfred Leslie. Partiu do universo do escritor e vive através da voz dele, a do narrador que lê o texto que serve de banda sonora ao filme, de resto filmado mudo e sincronizado num momento posterior, com o *off* e os diálogos a uma única voz, guardando esse desfasamento e, nesse desfasamento, a sua reconhecível identidade. PULL MY DAISY é também um dos títulos pioneiros do movimento de cinema independente americano da viragem das décadas de 1950/60. Uma "Nouvelle Vague de Nova Iorque", chamou-lhe Walter Ross, em que PULL MY DAISY, Robert Frank e Alfred Leslie alinham com SHADOWS e John Cassavetes, fazendo ainda eco do que se passava do outro lado do Atlântico pela mesma altura. A saber, Godard e À BOUT DE SOUFFLE, pela dimensão inaugural dos "movimentos" em que se inscrevem; ou Godard e CHARLOTTE ET SON JULES, a curta contemporânea de À BOUT DE SOUFFLE. Se é mais imediato reconhecer uma ligação entre PULL MY DAISY e À BOUT DE SOUFFLE, a segunda hipótese é mais interessante. Desde logo por se tratar de duas curtas-metragens (e duas curtas-metragens iniciais) e pela razão de que ambas concentram a sua acção em espaços fechados, mas sobretudo porque CHARLOTTE ET SON JULES é um filme unificado pelo papel da voz, no caso a de Godard, que dobra o monólogo do seu protagonista, Jean-Paul Belmondo.

A voz – omnipresente – de PULL MY DAISY é a de Kerouac, em relato dos movimentos, das hesitações e mesmo dos silêncios das suas personagens e das acções delas. Na pele daquelas, e à excepção do caso de Delphine Seyrig no seu papel de estreia no cinema, os actores, não profissionais, são a trupe de Kerouac. Robert Frank e Alfred Leslie filmam-nos em "jogo mudo", na justa expressão de Jean-Paul Fargier que, por aí, vê igualmente no filme um prolongamento da atitude fotográfica de Robert Frank, "um deslizar da imagem fixa para a imagem animada", em

aliança com a evocação de uma estética de “action-painting” própria do co-realizador de Frank, Leslie (fazer coincidir num mesmo tempo, a pintura e o gesto pintado), que os filmes futuros de Robert Frank não poriam de lado. Na sua época, as relações imediatas de PULL MY DAISY estabeleceram-se naturalmente com a literatura e a cultura Beat. A ponte que lançaram na direcção do cinema foi a do cinema independente e underground e no interior desse universo, PULL MY DAISY tornou-se uma referência a que pode chamar-se clássica.

É possivelmente o mais conhecido filme de Robert Frank, juntamente com o mítico COCKSUCKER BLUES (1972), que acompanha a digressão americana dos The Rolling Stones desse ano centrada em *Exile on Main St* e é paradoxalmente um filme quase “invisível” – há registos de exposições em 2012, 2013 e 2016 nos Estados Unidos, mas o filme foi alvo de um conflito que impediu a sua projecção durante décadas: “It’s a fucking good film, Frank, but if it shows in America, we’ll never be allowed in the country again”, escreveu-lhe na altura Mick Jagger. E PULL MY DAISY – a ele voltamos – é praticamente contemporâneo da publicação de *The Americans*, cuja edição francesa é de 1958 (com escritos de Simone de Beauvoir, Erskine Caldwell, William Faulkner, Henry Miller e John Steinbeck) e a americana de 1959, um dos mais icónicos livros de fotografia do século XX, cuja verdadeira dimensão tardou uns bons anos a ser reconhecida. Na edição americana do livro, composto por 80 fotografias, que mostra como Robert Frank fotografou a América desses anos afirmando-se como o fundamental fotógrafo contemporâneo que é, as imagens são antecedidas justamente por um texto de Jack Kerouac, reforçando a ligação a PULL MY DAISY, as afinidades vertidas na obra.

No recente DON’T BLINK, o retrato de Robert Frank por Laura Israel (2015), Frank lembra-se de si na época como “um caçador” que andava “à caça de uma boa fotografia” e uma pessoa que aprendeu a gostar verdadeiramente da América na viagem que esteve na origem de *The Americans*, nascido, como aí se diz, de “nove meses, 16 mil quilómetros, 30 Estados, 767 rolos de filme, 27 mil imagens”. Também se diz que foram dois anos de viagem e o certo é que a viagem correspondeu à travessia do território americano em 1955/56, permitida a Robert por uma das suas maiores influências artísticas, Walker Evans, que terá feito alguma coisa pela obtenção da bolsa Guggenheim que garantiu o projecto. É também em DON’T BLINK que Robert Frank testemunha a importância, no seu percurso, do núcleo da *Beat Generation* muito particularmente traduzida na vontade de experimentar um novo modo de expressão que está na base de PULL MY DAISY, mas prosseguindo “o caminho da fotografia, em filme” e notando os “muitos desafios e possibilidades do cinema para lá da imagem”. De facto, a imagem de PULL MY DAISY remete para as características de rudeza da fotografia de Robert Frank, assentando sobremaneira na sua ligação com a banda de som (o off de Kerouac).

O interesse de Robert Frank pelo cinema terá começado em meados dos anos 50, havendo mesmo o rasto de que esteve de alguma maneira envolvido na produção de filmes como IN THE STREET, de Helen Levitt, James Agee e Janice Loeb e THE LITTLE FUGITIVE, de Morris Engel e Ruth Orkin (de 1951 e de 1953). Num texto publicado no catálogo da Cinemateca que em 1991 acompanhou a retrospectiva da obra de Robert Frank, Philip Brookman nota-o remetendo para um artigo de 1954 publicado na *U.S. Camera* em que se lê que, nesse momento, Robert Frank “investiga um terreno que lhe parece ser o próximo e lógico passo: o cinema”. O fotógrafo só pisaria o terreno do cinema a seguir a de *The Americans*, chegando a começar um filme em 16 mm em Provincetown, em 1958, com Mary Frank e Allen Kapow. Em 1960 – palavras dele: “Está decidido, ponho a minha Leica no armário. Chega de espiar, caçar, apanhar às vezes a essência do que é preto, do que é branco, de saber onde é que está o Bom Deus. Faço filmes. Agora falo às pessoas que se movem na minha mira. Nada simples e nada perfeitamente conseguido.” Seria assim durante cerca de uma década, e só em 1972, ano da publicação de *The Lines of My Hand*, sem deixar o cinema, Robert Frank volta à fotografia. Disse mais tarde que podia entender “a utilização da fotografia como um abrigo”, mas que tinham sido os seus filmes a ajudá-lo “a atravessar a vida, as dificuldades, os dramas familiares”.